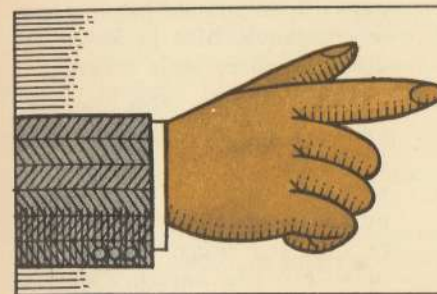


coisas que o povo precisa saber

1968
68



on
m



you know what is inflation?

De março de 1964 até hoje, o Governo vem lutando contra a inflação. Mas isso parece que não foi bem compreendido, porque todas as explicações sobre o assunto são dadas por técnicos, em linguagem técnica, com números e gráficos que só os técnicos entendem.

Ora, quem mais sofre com a inflação é o povo. É o povo que deve compreender o fenômeno, o que se fez para detê-lo e quais os resultados obtidos.

Eis o que procura fazer este folheto. Ele se destina ao estudante, à dona de casa, aos pequenos e médios industriais, aos comerciantes, aos operários, ao povo em geral, isto é: àquêles que sentem na própria carne os efeitos da inflação.

Em primeiro lugar, que é inflação? Um técnico escreveria um livro ou falaria dez horas respondendo à pergunta.

Nós ficaremos no mais simples: inflação é aumento de preços. Isto é o que o povo sente. Tudo encarece — isto é inflação.

Inflação é também perda do poder de compra do dinheiro, o que vem a dar na mesma. O dinheiro compra menos, porque as mercadorias custam mais, ou as mercadorias custam mais porque o dinheiro vale menos.

É esse o aspecto que interessa ao povo, pois quem vive de salários, ordenados, ou recebe renda fixa, vê que seus cruzeiros cada vez compram menos, ou, como disse um humorista, "há cada vez mais mês no fim do meu ordenado".

As causas da inflação são várias. No caso brasileiro, porém, as principais eram fáceis de perceber e por isso foram logo identificadas pelo povo.

vejamos algumas:

1. O preço da gasolina e subprodutos de petróleo era baixo, porque o Governo pagava a diferença entre seu custo real e seu preço. Por exemplo, se o custo real era 90 cruzeiros o litro e a gasolina se vendia por 40, o Governo é quem pagava a diferença.

Mas, de onde sai o dinheiro do Governo?

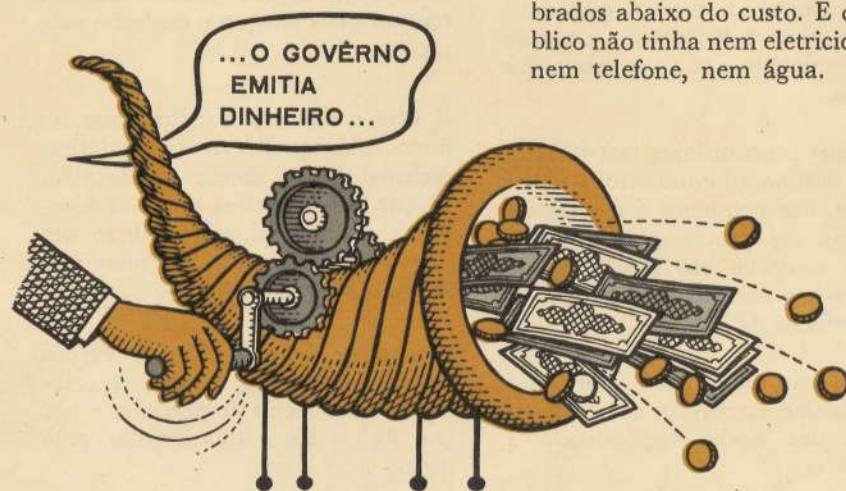
Dos impostos.

E quem paga impostos?

O povo — todo mundo.

Assim, era do bolso de cada cidadão que saía o dinheiro que permitia fôsse a gasolina vendida abaixo do custo.

Como nem sempre os impostos bastassem, o Governo emitia dinheiro, imprimia papel-moeda



para que se pudesse pagar o que se comprava. Mas já falaremos disso de novo, mais adiante.

2. O preço do trigo. Nós importávamos trigo pagando em dólar (aliás, com 2/3 do petróleo fazíamos o mesmo) e usávamos uma taxa especial de câmbio para que seu preço pudesse ser baixo e o pão barato. Como o dólar valia mais do que a taxa de câmbio, o Governo pagava a diferença. Aí começa a mesma coisa. De onde sai o dinheiro do Governo? Dos impostos. Quem paga os impostos?... E assim por diante.
3. O mesmo acontecia com o papel de imprensa e vários outros produtos importados.
4. A luz, a energia elétrica, os telefones, a água, enfim, os serviços públicos eram também cobrados abaixo do custo. E o público não tinha nem eletricidade, nem telefone, nem água.

5. O mesmo acontecia com as passagens e fretes de estradas de ferro e navios. Sempre com o Governo pagando a diferença.

Para se ter idéia de como andavam as coisas, basta dizer que o total dos fretes e passagens cobrados nas ferrovias brasileiras não dava sequer para cobrir os salários de seus empregados.

Em resumo, o Governo não dispunha de dinheiro para pagar os subsídios dessas diferenças e ainda tinha de enfrentar outro problema: os impostos não chegavam para pagar os funcionários públicos — civis e militares — e as despesas das obras do Estado.

Isso quer dizer que o Governo tinha que enfrentar, todos os anos, o que se chama déficit orçamentário, isto é, a diferença para menos, entre o que recebia e o que tinha de pagar.

Que fazia então o Governo?

Fabricava dinheiro.

Chama-se a isso fazer emissões.

Qual o resultado disso?

Que o dinheiro perdia valor e as mercadorias e serviços subiam de preço. Vamos explicar.

Se todo o dinheiro em circulação fôsse 100.000 cruzeiros, e houvesse para comprar apenas 1.000 pares de sapatos, cada par de sapato sai-

ria por 100 cruzeiros. Mas se houvesse 200.000 cruzeiros e só existissem os mesmos 1.000 pares de sapatos, cada par sairia por 200 cruzeiros.

Foi isso que aconteceu com a inflação. O Governo fabricava mais dinheiro do que a quantidade de mercadorias e serviços existentes. Como havia mais dinheiro do que mercadorias e serviços, o dinheiro perdia valor e os preços subiam.

Por outro lado, em tempo de inflação, quem trabalha à base de ordenado vai apertando o cinto até o último furo, e então reclama aumento de salário para poder continuar vivendo.

Ora, quando o salário sobe, seu aumento entra no custo do produto ou serviço a ele correspondente e os preços sobem também.

Por exemplo, se os salários de uma fábrica de calçados representam 40 % do custo, um aumento de 20 % nos salários representa pelo menos 8 % de aumento no custo dos sapatos.

Vejamos isso na prática. Antes do aumento dos salários, um par de sapatos custa Cr\$ 15.000; mas, depois desse aumento, são 8 % a mais, ou, Cr\$ 1.200. O sapato passa a custar Cr\$ 16.200. Mas o público tem que pagar mais do que isso.

Por que?

Porque seu preço ao público inclui também várias outras parcelas sobre o custo da fábrica. Assim, se só contarmos a comissão da sapataria, 40 % em média, teremos o seguinte resultado: para que o lojista possa pagar à fábrica Cr\$ 15.000, tem que vender o par de sapatos por Cr\$ 25.000, pois os Cr\$ 10.000 são a sua comissão.

Se o custo passa a Cr\$ 16.200, o lojista tem que vender a Cr\$ 27.000, porque a diferença é sua comissão



de 40 %. Assim, o aumento de Cr\$ 1.200 no custo, resultou em Cr\$ 2.000 no preço.

E quem compra os sapatos?

Exatamente quem recebeu o aumento de salário, o povo.

Assim, os salários são outro fator no aumento de preços. Isto porque os salários representam mais de 65 % da renda nacional, e seus aumentos, sem a elevação conjunta da produtividade, geram a alta de preço ou inflação.

Resumindo: em tempo de inflação, os aumentos de salários são absorvidos pelos aumentos de preços, numa corrida sem fim, a qual foi a causa do grande sofrimento do Brasil nestes últimos anos.

Será que alguém esqueceu isso?

O que se fez para deter a inflação

Pelo que vimos, a inflação é aumento de preços e, portanto, aumento do custo de vida. E esse aumento nasce de uma combinação de causas, como mostramos na primeira parte.

Ora, há mais de 10 anos, o aumento do custo de vida tem sido o flagelo do Brasil, donde, qualquer esforço para deter esse aumento tem que ser um esforço contra a inflação.

E como lutar contra a inflação?

Só há um jeito: atacar suas causas.

Não são elas apenas as que mencionamos. Todavia, atacando essas causas consegue-se deter a inflação e, ao detê-la, conter o aumento do custo de vida.

Acontece, porém, que não se pode parar a inflação do dia para a noite; seria como querer freiar, de repente, um carro a 100 km por hora.

Mesmo que isso fôsse possível, o carro se desmantelaria. Com a economia de uma nação acontece o mesmo. Se a inflação fôsse detida de repente, toda a economia se desarticularia. Teríamos desemprego em massa, falências, um verdadeiro desastre de consequências imprevisíveis. Mesmo tentando freiar a inflação aos poucos, haverá sofrimentos generalizados.

Durante a inflação, todo mundo tem sempre dinheiro para comprar

SERIA COMO QUERER
FREIAR, DE REPENTE,
UM CARRO A 100 KM
POR HORA...



alguma coisa, pois é melhor comprar que guardar o dinheiro que se desvaloriza. Aliás, isso desvia dinheiros que poderiam ser aplicados no desenvolvimento do país.

Consumir passa a ser melhor do que poupar. Todavia, uma vez que não há o que consumir, em relação à quantidade de dinheiro existente, sobem os preços do que existe.

O Governo decidiu atacar as causas pouco a pouco, a fim de ir conseguindo que o dinheiro e os bens de consumo crescessem proporcionalmente, impedindo o galope inflacionário.

E foi o que se fez.

Cada produto ou serviço, cobrado abaixo do custo, foi sendo reajustado para não criar novos encargos ao Governo e, assim, evitar a emissão de mais dinheiro.

É verdade que gasolina, óleo, trigo, etc., sempre pesam no transporte e alimentação. Mas o Governo deixa

PETRÓLEO,
TRIGO,
LUZ, GÁS,
TELEFONE,
FRETES, PAPEL,
ÁGUA,

tudo foi
sendo reajustado no seu
preço. Isto doeu no bolso de
muita gente mas não no de todo o
mundo. Pois, o que era pago por todo o povo
passou a ser pago só pelo consumidor direto.



de emitir para pagar essas diferenças, e assim se modifica a proporção entre o dinheiro e os bens disponíveis. Desde que existam — relativamente, menos dinheiro e mais bens — os preços deixam de subir tão depressa quanto antes.

Quando se diz isso, logo aparece um espírito-de-porco reclamando que os preços continuam a subir.

É verdade.

Mas sobem cada vez mais devagar.

Há algumas coisas que aumentam muito, outras que aumentam menos.



É... MAS OS PREÇOS
CONTINUAM
SUBINDO...

Contudo, no conjunto, o aumento do custo de vida é mais lento do que outrora.

Vamos aos algarismos e explicá-los.

Em 1964, o custo de vida aumentou 87 %.

Em 1965, o custo de vida aumentou 45 %.

Nos três primeiros meses de 1964, o aumento foi de 26,8 %.

Nos três primeiros meses de 1965, o aumento foi de 19 %.

Nos três primeiros meses de 1966, o aumento foi de 13,6 %.

Que quer dizer isso?

Que, em 1964, antes da nova política econômico-financeira, esse aumento teria sido de 140 %, mas, ainda em 1964, desceu para 87 % e, em 1965, para 45 %.

Que significa isso?

Significa que o cidadão que, nos começos de 1964, tivesse uma despesa mensal de 100.000 cruzeiros, em dezembro desse ano precisaria de mais 140.000 cruzeiros para comprar as mesmas coisas; em vez disso precisou apenas de mais 87.000.

Em 1965, o que se comprava, em janeiro, por 100.000, em dezembro custava 145.000.

Isso quer dizer que os preços aumentaram, mas não tanto como antes. Aliás, fazendo-se o cálculo para dois anos, a diferença é ainda mais impressionante.

Vejamos:

Em 1964, teríamos 140 % de aumento no custo de vida.

Assim, quem gastasse Cr\$ 100.000 em janeiro, em dezembro de 1964 precisaria de 240.000.

Se, em 1964, a inflação não tivesse baixado de 140 para 87 %, e em 1965 se mantivesse em 87 % em vez de baixar para 45 % — o que custava 100.000 cruzeiros em janeiro de 1964, em dezembro de 1965 custaria Cr\$ 458.800.

Em vez disso, em dezembro de 1964, precisou de 187.000, e em dezembro de 1965, de 271.152.

Diferença para menos: Cr\$ 177.648.

Como vimos, o Governo conseguiu que a inflação diminuísse e que o cidadão ganhasse a diferença acima, porque os preços deixaram de subir com a rapidez de antes.

E isso, graças às medidas de contenção, vai continuar. Cada vez os preços subirão menos, até que se chegue a preços quase estáveis.

E é isso que o povo pede. Isto é, quer que o seu dinheiro compre a mesma coisa ou mais, e nunca menos. A inflação empobrece o consumidor e este não quer empobrecer.



a questão dos salários

Tudo o que foi dito mostra que continua a haver inflação, mas, agora com menor intensidade.

Quem vive de salários, porém, sente que é duro fazer o salário cobrir as despesas.

Antes, os aumentos de salários se faziam com mais freqüência e em percentagem maior que o aumento de custo de vida. Mesmo assim, o assalariado passava longo período

com sua capacidade de comprar muito diminuída em face do inevitável aumento dos preços.

Quando seu salário aumentava, sentia um alívio momentâneo, mas esse durava pouco — os preços davam de novo outro salto e, em um ou dois meses, recomeçava o sofrimento, pois os preços subiam incontinenti, devido ao aumento dos salários.

Agora é diferente.

Para aumentar os salários, restabe-

lece-se o salário médio real dos dois últimos anos. Soma-se a percentagem da inflação no período compreendido entre a instauração do dissídio e a data da sentença do Juiz. Soma-se a metade do resíduo inflacionário fixado anualmente pelo Conselho Monetário Nacional. Soma-se, ainda, o percentual que traduza o aumento da produtividade nacional, no ano anterior, informado pelo Conselho Nacional de Economia.

Com isso, as elevações de preços

são menores, o salário fica mais perto da mesma capacidade de compra do início do período.

Sem dúvida, isso significa que pouco se progride em questão de salário. Fica-se, porém, mais perto do momento em que o salário não perde o poder de compra quando a inflação fôr detida.

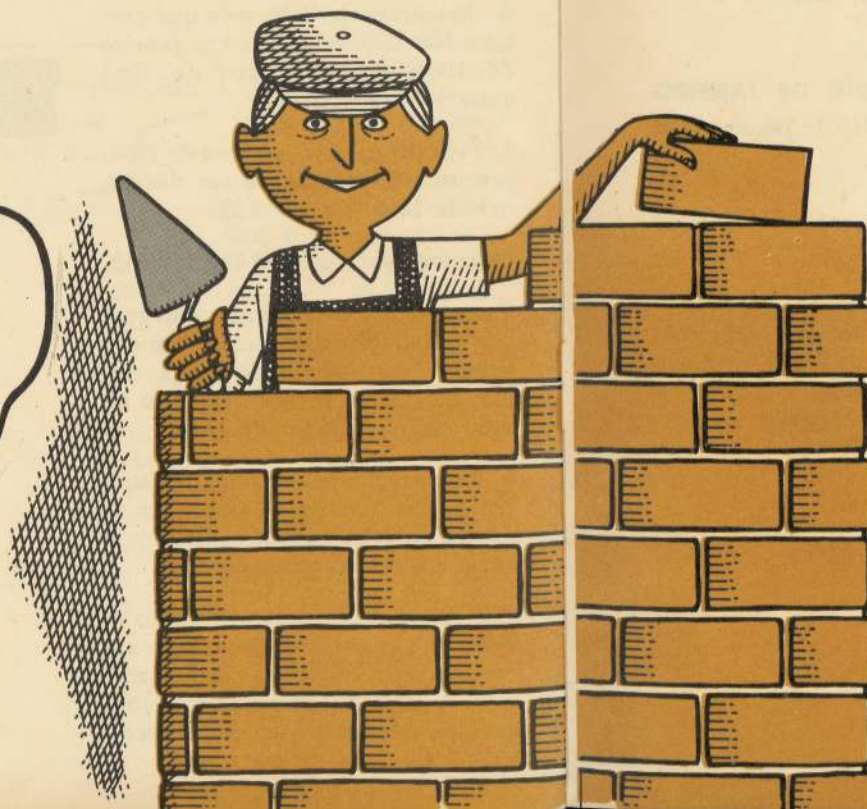
O salário é um dos componentes do custo de bens e serviços. Se o salário crescer, sem que cresça a quantidade de bens e serviços, haverá inflação, isto é, aumento de preços. Por isso, é necessário conjugar o aumento de salário com o aumento da produtividade.

Não se poderia atacar as outras causas da inflação, sem atacar essa. Pois ela continuaria e se multiplicaria, se tão importante fator não fôsse considerado.

A questão agora é a seguinte: quem pretenda aumento de salário precisa produzir mais. Produzindo mais, aumenta o poder aquisitivo do salário, sem provocar inflação. Chama-se isso aumento de produtividade. Mais salário só com a correspondente maior produção.

Por exemplo, se um cidadão coloca 300 tijolos em uma parede em 8 horas, ele terá que colocar mais para ser aumentado. Se colocar 400, terá direito a 33 % de aumento e isso não causará aumento de preços nem inflação, pois houve mais produção para mais salário.

... MAIS
PRODUÇÃO
PARA MAIS
SALÁRIOS



No caso dos sapatos, se a produção fôr 1.000 pares e crescer para 1.500, o aumento de salário de 50 % não aumentará o preço dos sapatos.

Isso se chama aumento de salário baseado na produtividade.

A política de salários se orienta agora pela obrigatoriedade de maior produtividade. Nossos salários são baixos e nossos produtos são caros, porque produzimos pouco por trabalhador em relação às nações desenvolvidas.

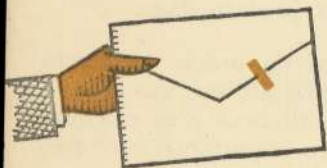
As nações adiantadas são aquelas em que se produz muito. Em que o

salário é parte constante do custo e cresce com o aumento da produção. O Brasil caminha para isso. E isso é outro ponto para vencer a inflação e melhorar o nível de vida de quem trabalha.

Quanto mais se produzir, mais barato se venderá e melhores salários se pagarão. E só assim se melhora de fato o nível de vida de quem trabalha. Com salário real e não salário nominal.

Essas as coisas que precisavam ser explicadas.

Havendo dúvidas, escrever a :



CENTRO INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO

Av. Calógeras, 15-4.º and. - Rio de Janeiro - GB

A luta contra a inflação e pela produtividade levarão o Brasil a crescer firmemente para atingir o lugar que lhe cabe entre as grandes nações.

283550

BLOCH S. A.